

ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA BATUÍRA



Simplicidade e idealismo

Batuíra nasce em Portugal, a 19 de março de 1839 e vem para o Brasil com apenas 11 anos de idade, chegando no Rio de Janeiro no dia 3 de janeiro de 1850.

Seu nome de batismo, Antônio Gonçalves da Silva, é acrescido do apelido Batuíra, já no Brasil, por ser muito ativo e laborioso, lembrando a narceja, ave penhata de vôo rápido, encontrada nos charcos que se formavam com os transbordamentos do rio Tamandateí, no atual Parque D. Pedro II, em São Paulo.

Batuíra defende calorosamente a idéia da abolição da escravatura, ora abrigando escravos em sua casa e obtendo suas cartas de alforria, ora divulgando as idéias liberais através de um jornalzinho.

De costumes simples, Batuíra alimenta-se de hortaliças, legumes e frutas que planta no quintal de sua casa, garantindo seu sustento. Com suas economias, adquire os então desvalorizados terrenos do Lavapés, em São Paulo, ali construindo uma boa casa para sua moradia e, ao lado dela, numa rua particular, pequenas casas de aluguel. Mais tarde, a rua particular, que ainda existe, torna-se a Rua Espírita. O tempo valoriza a região, permitindo que Batuíra acumule apreciáveis recursos financeiros.

Ao tornar-se adepto do Espiritismo, no entanto, desapega-se de todos os seus bens, disposto a seguir os passos de Jesus. Ao contrário do "moço rico" do Evangelho, Batuíra distribui o seu tesouro na Terra, para apossar-se daquele outro tesouro no Céu.

Pioneirismo

Batuíra funda o Grupo Espírita Verdade e Luz, onde, no dia 6 de abril de 1890, diante de enorme assembléia, dá início a uma série de explanações sobre O Evangelho segundo o Espiritismo.

Com o fim de *Espiritualismo Experimental*, única publicação espírita da época, Batuíra adquire uma pequena tipografia e, a 20 de maio de 1890, inicia a publicação de um quinzenário de quatro páginas, com o nome *Verdade e Luz*, posteriormente transformado em revista, cuja tiragem alcança a marca de 15 mil exemplares, fabulosa para a época.

Consome sua velhice nessa atividade, e permanece à frente da publicação, como seu diretor-responsável, até a data de sua desencarnação. Para mantê-la, Batuíra despense somas respeitáveis, já que as assinaturas somam quantia insignificante. Por volta de 1902, é obrigado a vender várias casas, situadas na Rua Espírita e na Rua do Lavapés, para equilibrar suas finanças.

Generosidade

Não apenas o periódico pesa no orçamento de Batuíra, porém. Ele divide o fruto de suas economias também com os necessitados. Na sua casa, jamais se nega socorro a alguém, jamais uma pessoa sai sem amparo. Quem ali chega, tem cama, mesa e um cobertor.

Certa vez, um homem sob sua proteção furta-lhe um relógio de ouro e corrente do mesmo metal. Ante a denúncia e ameaças de prisão, a esposa de Batuíra se lamenta: "É o único objeto bom que lhe resta". Ao que ele, impedindo que se tomasse qualquer medida contra o ofensor, responde: "Deixem-no. Quem sabe ele precisa mais do que eu".

Paternidade

Batuíra tem três filhos: Joaquim Gonçalves Batuíra, do primeiro casamento com Brandina Maria de Jesus; um menino que morreu repentinamente, com 12 anos de idade, do segundo casamento com Maria das Dores Coutinho e Silva; e uma criança com retardamento mental e paralisia, que adota em 1888.

Figura bastante popular, Batuíra torna-se querido de todos. Ao desencarnar em São Paulo, no dia 22 de janeiro de 1909, sua figura de homem caridoso e dedicado aos sofredores é exaltada em vários órgãos da imprensa leiga.

Fonte: Paulo Alves Godoy, *Grandes vultos do Espiritismo*, Edições FEESP.